

Carta de Conjuntura do Setor de Seguros

Número 9, Dezembro/2014



www.ratingdeseguros.com.br

Objetivo:

O objetivo desta "Carta de Conjuntura do Setor de Seguros" é ser uma avaliação mensal desse segmento e seus setores relacionados (resseguro, capitalização, etc).

Além disso, abordamos a sua correlação com aspectos macroeconômicos do país e com outros segmentos da economia.

Mensalmente, diversos aspectos desse setor são avaliados, com uma análise das suas tendências e projeções.

Nesse sentido, o estudo está dividido em três capítulos:

- Inicialmente, a "Carta de Conjuntura", com um resumo e as conclusões principais.
- Em seguida, a análise da situação macroeconômica.
- No terceiro capítulo, avaliação de diversos aspectos do setor de seguros, com projeções para o segmento, separação por ramos, avaliação do comportamento dos indicadores de confiança, etc.

1) Carta de Conjuntura

Confiança do setor reage bem às primeiras medidas do governo reeleito

Em dezembro de 2014, a Carta de Conjuntura do Setor de Seguros no. 9 destaca os seguintes pontos:

- Ao longo desse ano, os indicadores que medem a confiança do setor de seguros foram caindo de forma expressiva. Esse fenômeno não foi isolado, acontecendo também em outros segmentos da economia.
- Diversos fatores influenciaram esse movimento, como o baixo volume de investimentos, a queda das notas de empresas de classificação de riscos, as conseqüências da política de controle de preços, a incerteza quanto aos rumos da economia, a diminuição na taxa de crescimento do PIB, sem falar do próprio desânimo de boa parte dos empresários e agentes em geral.
- Agora, com as primeiras medidas do governo reeleito, a confiança do setor de seguros reagiu favoravelmente, embora (ressaltamos) ainda longe do nível de expectativas registrado em 2013.
- Em 2014, a taxa de crescimento do setor de seguros (embora tenha se recuperado parcialmente ao longo do ano) deve chegar a aproximadamente 10%, nominal, enquanto que, no passado, era tradicional dizer que o

setor crescia, em média, 15% ao ano. Em outros segmentos, a queda de receita foi mais sentida, como o mercado de capitalização.

Abaixo, as últimas projeções de receita, feitas ao longo de cada mês.

Tabela com Estimativas para 2014 – R\$ bilhões – Mês a Mês

Valores em R\$ bi	Estimativas para 2014 feitas em			
Receita em 2014	Real 2013	out/14	nov/14	dez/14
Seguros	83	90	91	91
VGBL+Previdência	74	76	79	81
Total de Seguros	157	166	170	172
Capitalização	21,0	22,6	22,6	22,4
Resseguro Local	4,7	5,2	5,3	5,4
Saúde Suplementar	113	128	128	128
Total dos Setores	295,7	321,8	325,9	327,8
Reservas em dez/14	dez/13	out/14	nov/14	dez/14
Total	466	537	540	543

Estimativas de Crescimento em 2014 em relação a 2013 – Mês a Mês

Var %	Estimativas para 2014 feitas em		
Contas	out/14	nov/14	dez/14
Seguros	8%	10%	10%
VGBL+Previdência	3%	7%	9%
Total de Seguros	6%	8%	10%
Capitalização	8%	8%	7%
Resseguro Local	11%	13%	15%
Saúde Suplementar	13%	13%	13%
Total dos Setores	9%	10%	11%
Reservas em dez/14	out/14	nov/14	dez/14
Total	15%	16%	17%

2) Análise macroeconômica

O objetivo desse capítulo é analisar o comportamento de algumas variáveis macroeconômicas relevantes para o setor de seguros.

Inicialmente, na tabela 1, uma avaliação histórica dos dados e, na tabela 2, um comparativo dos números com os valores do ano passado, no mesmo período.

Tabela 1 - Indicadores relevantes para o setor de seguros - Mensal

Indicadores	jul/14	ago/14	set/14	out/14	nov/14
IGP-M	-0,61%	-0,27%	0,20%	0,28%	0,98%
Dólar de Venda, Final do Mês (R\$)	2,2699	2,2390	2,4480	2,4787	2,5716
Veículos Produção (mil)	252,7	264,6	300,8	293,3	264,8
Veículos Licenciados (mil)	294,8	277,5	296,3	306,9	294,7
Índice de Confiança do Comércio (ICEC)	108,4	109,0	111,0	111,5	110,9
Índice de Confiança da Indústria (ICI)	87,2	84,4	83,4	81,1	82,6

Fontes: ANFAVEA, RENAVAN, FGV, CNI, CNC, IPEADATA.

Tabela 2 - Indicadores relevantes para o setor de seguros – Comparativo – Valores até Novembro

Indicadores	2013	2014	Var. %
IGP-M	4,90%	3,04%	-38%
Dólar de Venda, Final do Mês (R\$)	2,3365	2,5716	10%
Veículos Produção (mil)	3.504,6	2.942,3	-16%
Veículos Licenciados (mil)	3.413,4	3.133,1	-8%
Índice de Confiança do Consumidor (ICEC)	124,7	110,9	-11%
Índice de Confiança da Indústria (ICI)	99,0	85,6	-14%

Fontes: ANFAVEA, RENAVAN, FGV, CNI, CNC, IPEADATA.

Já a tabela 3 apresenta a evolução média de algumas previsões do setor, segundo estatísticas condensadas mensalmente pelo Banco Central entre todas as instituições financeiras. Na tabela 4, temos a comparação das previsões dos indicadores de hoje com os valores previstos há 12 meses.

Tabela 3 – Previsões médias - Ao final de cada mês - Mensal

Indicadores	jul/14	ago/14	set/14	out/14	nov/14
IPCA em 2014	6,41%	6,27%	6,31%	6,45%	6,43%
Dólar em final de 2014 (R\$)	2,35	2,35	2,35	2,45	2,55
Var. PIB em 2014 (%)	0,90%	0,52%	0,29%	0,24%	0,19%

Fonte: Boletim Focus, Bacen

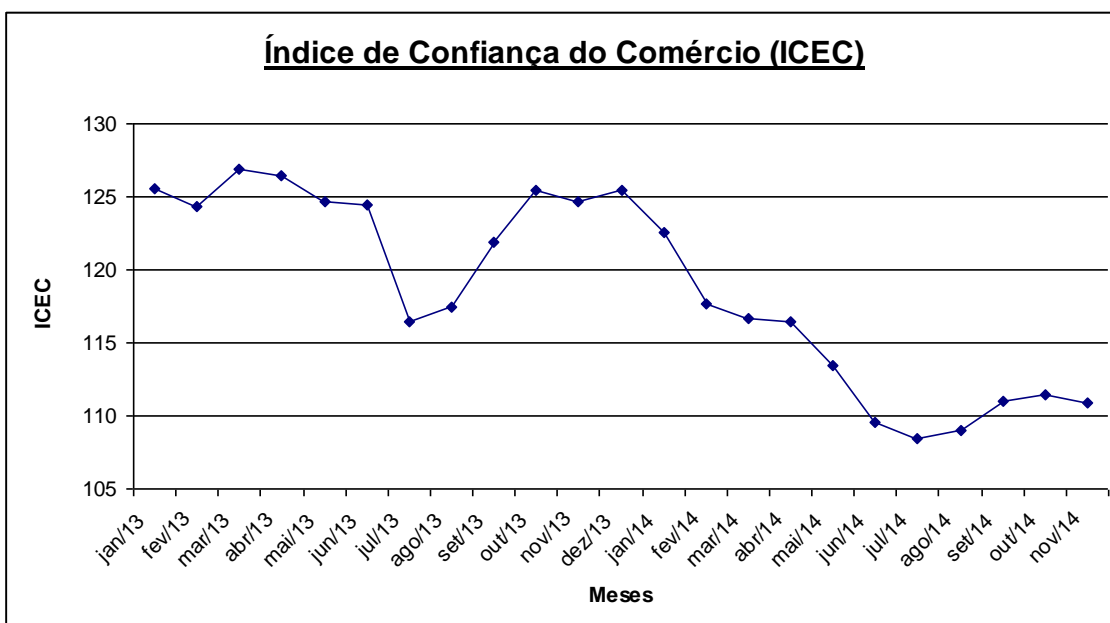
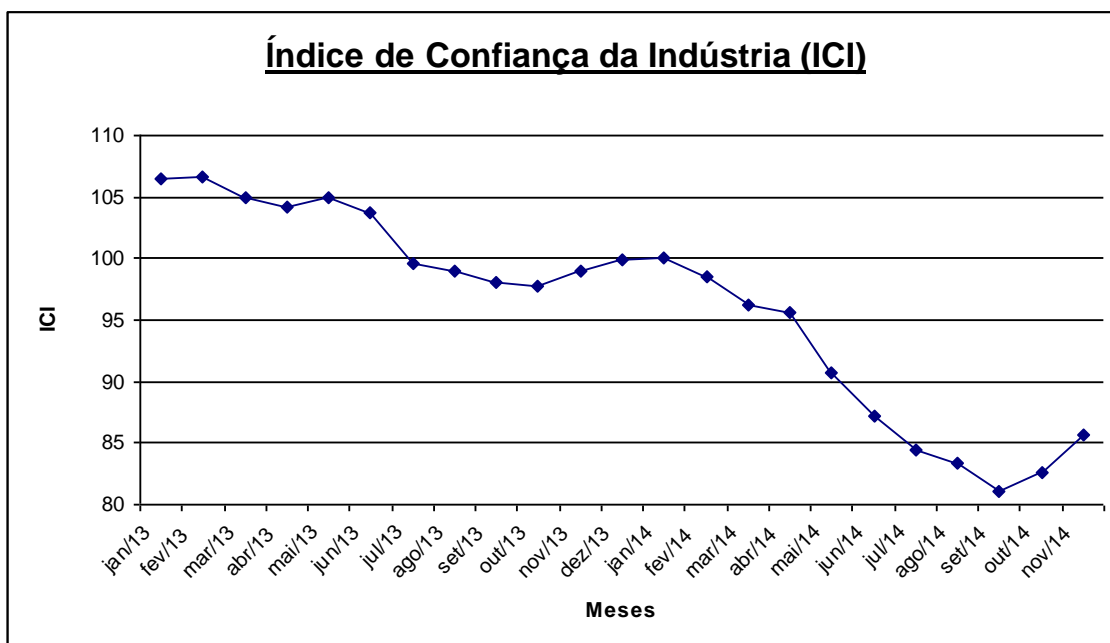
Tabela 4 – Previsões médias – Comparativo – Final de Novembro

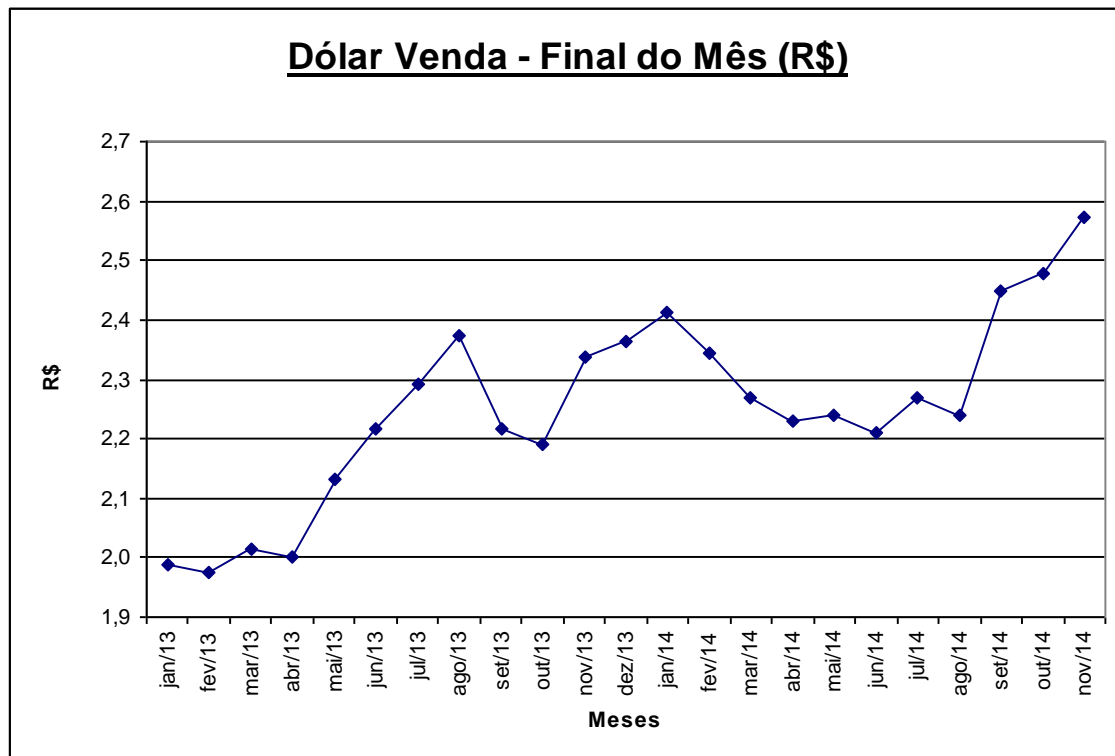
Indicadores	2013	2014	Var. %
IPCA em 2014	5,92%	6,43%	9%
Dólar em final de 2014 (R\$)	2,40	2,55	6%
Var. PIB em 2014 (%)	2,11%	0,19%	-91%

Fonte: Boletim Focus, Bacen

A seguir, gráficos selecionados com o comportamento de algumas dessas variáveis.

Primeiro, a evolução dos índices de confiança da indústria (ICI) e do comércio (ICEC). Por último, a cotação do dólar ao final de cada mês.





Na análise dos números, os seguintes aspectos podem ser destacados:

- Desde o início desse ano, a economia esteve fortemente influenciada pelos fatores ligados à eleição presidencial. Nesse período, o governo usou todos os seus instrumentos para controlar o câmbio e as taxas de inflação. Por exemplo, o repesamento do reajuste das tarifas públicas e a utilização intensa dos swaps cambiais, obtendo algum sucesso com tal estratégia. Agora, passada a eleição, os problemas aparecem de forma mais transparente.
- Em contrapartida, nesse mesmo período, o crescimento do país e a confiança dos principais setores da economia caíram de forma expressiva, sinalizando baixa credibilidade com o resultado dessas medidas no médio e longo prazo.

- Hoje, o momento ainda é de grande expectativa, embora as primeiras medidas do governo reeleito tenham sinalizado uma direção favorável. De qualquer maneira, não podemos deixar de mencionar que, em praticamente todos os setores econômicos (e o mercado segurador não é exceção), existe preocupação, sobretudo na evolução da economia do 1º semestre de 2015.

3) Análise do setor de seguros

3.1) Receita de Seguros

O objetivo desse capítulo é fazer a análise do comportamento de algumas variáveis do setor de seguros. Inicialmente, a evolução da receita.

A seguir, esses números.

Tabela 5 – Faturamento do Setor – Mensal – Valores em R\$ bilhões

Valores	jul/14	ago/14	set/14	out/14
Receita de Seguros (1)	7,696	7,601	7,861	7,957
Receita VGBL + Previdência	5,647	6,219	7,047	7,577
Receita Total de Seguros (sem Saúde)	13,343	13,820	14,908	15,534

(1) Sem saúde e sem VGBL

Tabela 6 – Faturamento do Setor – Até Outubro – Valores em R\$ bilhões

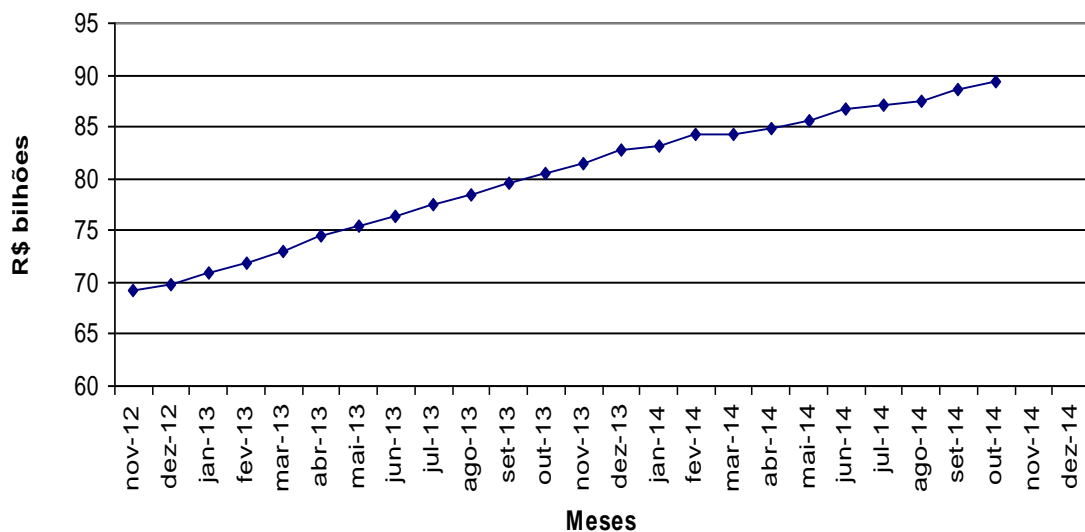
Valores	2013	2014	Var. %
Receita de Seguros (1)	68,4	74,9	10%
Receita VGBL + Previdência	58,0	63,9	10%
Receita Total de Seguros (sem Saúde)	126,4	138,8	10%

(1) Sem saúde e sem VGBL

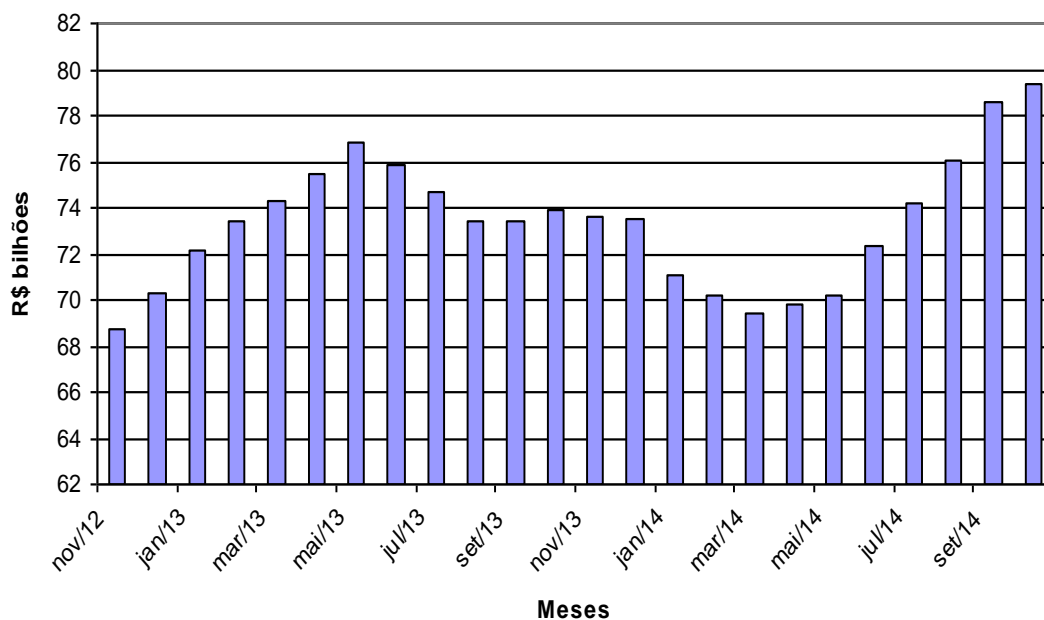
Em dados até outubro, o faturamento como um todo obteve uma alta de 10%. Ao longo do ano, um aspecto positivo a destacar foi a recuperação excepcional do segmento de VGBL + Previdência, que abriu o ano de forma muito modesta.

A seguir, temos dois gráficos, com o faturamento acumulado móvel 12 meses, dos ramos Seguros e VGBL+Previdência.

Receita de Seguros (sem saúde e sem VGBL) - Acumulado
móvel 12 meses



Faturamento Acumulado Móvel - VGBL + Previdência - 12
meses



3.2) Receita de Seguros, por tipo

Nesse capítulo, segregamos a análise do faturamento do setor de seguros em duas opções – ramos elementares (RE) e pessoas¹.

Tabela 7 – Faturamento do Setor – Mensal – Valores em R\$ bilhões

Valores	jul/14	ago/14	set/14	out/14
Receita de Pessoas	2,202	2,225	2,305	2,536
Receita de RE	5,494	5,376	5,556	5,421
Receita de Seguros	7,696	7,601	7,861	7,957

Tabela 8 – Faturamento do Setor – Até Outubro – Valores em R\$ bilhões

Valores	2013	2014	Var. %
Receita de Pessoas	21,3	22,5	6%
Receita de RE	47,1	52,4	11%
Receita de Seguros	68,4	74,9	10%

No ano de 2013, as variações dos dois segmentos foram praticamente uniformes – tanto pessoas, como ramos elementares. Em 2014, porém, houve descontinuidade no movimento, pela menor evolução dos produtos de seguros de pessoas². Essa situação deve ser a definitiva para 2014.

¹ Conforme já mencionado, sem o montante da receita do VGBL.

² Por exemplo, pela diminuição do crédito e o conseqüente efeito no seguro prestamista.

3.3) Receita de Resseguro Local e Capitalização

Nesse tópico, escolhemos dois outros segmentos importantes ligados ao setor de seguros – os mercados de resseguro local e de capitalização.

Tabela 9 – Faturamento de Outros Setores – Mensal – Valores em R\$ bilhões

Receita	jul/14	ago/14	set/14	out/14
Resseguro Local	0,585	0,449	0,552	n.d.
Capitalização	1,681	1,787	1,917	1,950

Tabela 10 – Faturamento de Outros Setores – Até Outubro – Valores em R\$ bilhões

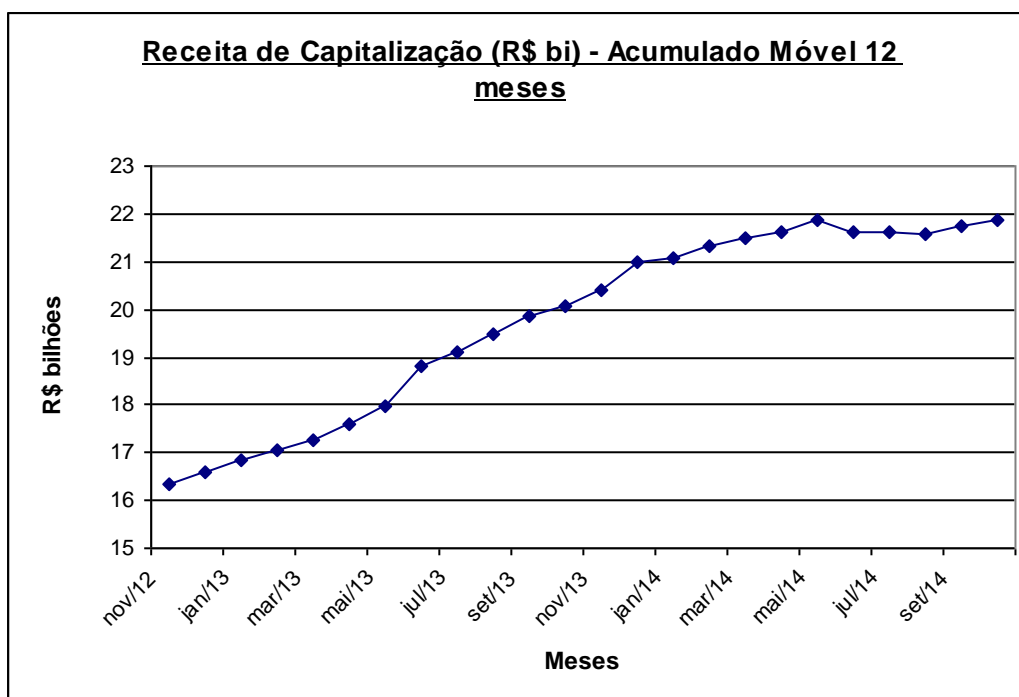
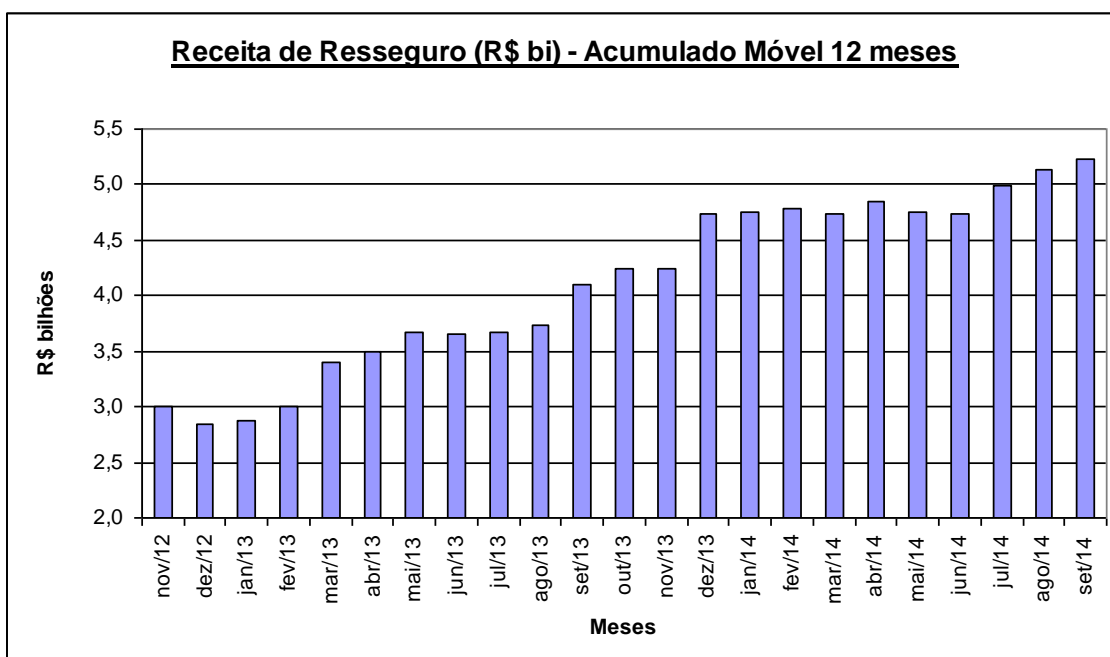
Valores	2013	2014	Var. %
Receita de Resseguro*	3,2	3,7	16%
Receita de Capitalização	17,1	18,0	5%

* Resseguro até setembro.

Ao contrário de 2013, onde a evolução desses dois negócios foi bem uniforme, o ano de 2014 sinaliza variações de faturamento mais heterogêneas.

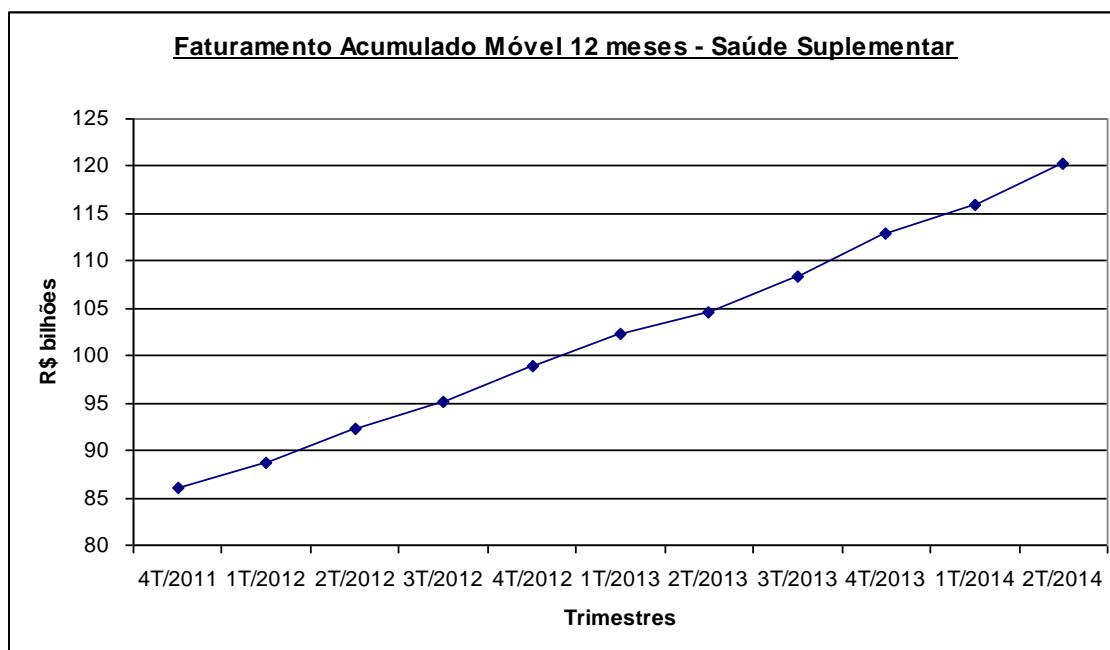
No resseguro, a receita deve crescer acima de 15%, apesar da volatilidade que caracteriza os números desse setor, o que dificulta as projeções. Já em capitalização, teríamos uma variação anual acumulada estimada de 5% a 10%, bem abaixo das suas taxas históricas.

A seguir, gráficos com os faturamentos acumulados móveis 12 meses dessas duas contas.



3.4) Receita do Segmento de Saúde Suplementar

A seguir, apresentamos a evolução da receita acumulada móvel 12 meses de todo o segmento de saúde suplementar.



Em termos de crescimento, a evolução desse setor tem sido relativamente uniforme, como indica a tabela a seguir, com um bom grau de correlação ao longo do tempo.

Tabela 11 – Contraprestação Emitida Líquida (variável $Y = AX + B$) – R\$ bilhões – Equação de Correlação

Variáveis	Variáveis
A (Coef. Angular)	0,92
B (4T/2010, X=0)	20
R ² (grau de correlação)	96%

Em 2013, a receita desse segmento foi de R\$ 113 bilhões, com uma variação de 14% em relação ao ano de 2012. Para 2014, e, partir desse modelo, estima-se uma receita de R\$ 128 bilhões, o que sinalizaria uma variação de 13% em relação ao ano anterior.

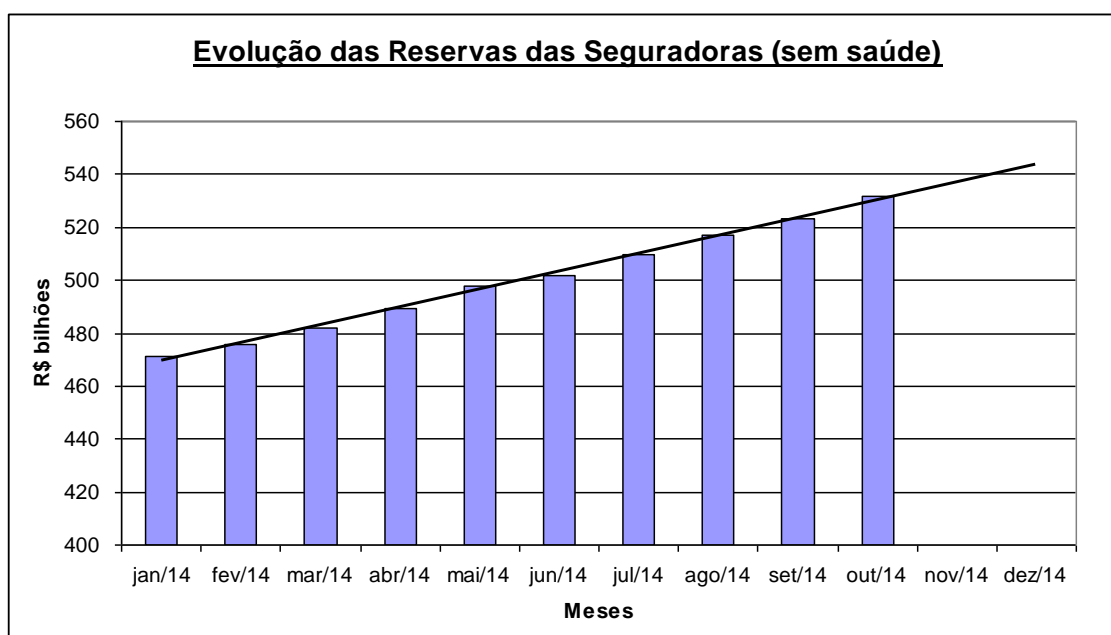
3.5) Reservas

Nesse capítulo, fazemos a avaliação da evolução do saldo de reservas do setor de seguros (nesse caso, considerando também o segmento de capitalização).

Tabela 12 – Reservas – Mensal – Valores em R\$ bilhões

Valores	jul/14	ago/14	set/14	out/14
Reserva de Seguro	481	488	494	502
Reserva de Capitalização	28	29	29	29
Total das Reservas	509	517	523	532

Abaixo, gráfico com a evolução das reservas, com os dados desse ano.



Observa-se que o grau de correlação linear dessa variável é alto ao longo do tempo. Nesse sentido, estima-se que o valor das reservas, ao final de 2014, será de mais de R\$ 540 bilhões, com uma variação de 16 a 17% em relação ao ano anterior.

3.6) Projeções de Crescimento (para 2014)

A seguir, usaremos um modelo econômico de estimativa de crescimento de receita para 2014, em função da participação de cada segmento na economia.

Pelos números, a participação do setor no PIB (sobretudo os seguros de ramos elementares) tem aumentado ao longo dos anos, de forma relativamente constante, como era de se esperar, pois o seguro é considerado, em termos microeconômicos, como um bem superior³. A partir daí, usaram-se as seguintes hipóteses para prever os números de 2014:

- A participação do faturamento de Seguros (sem saúde) é estimada em aproximadamente 1,75% do PIB.
- Nesse ano, a participação do faturamento de VGBL + Previdência foi extremamente atípica, abrindo de uma forma bem modesta e se recuperando ao longo do exercício, o que dificultou as previsões. Aqui, considera-se que, por enquanto, o valor em 2014 irá ficar de 1,55% a 1,60% do valor do PIB.
- A partir dos dados de 2013, o PIB nominal foi estimado considerando, em 2014, uma taxa de inflação anual média de 6,4% e uma variação real do PIB de 0,2%. Essas informações numéricas foram obtidas dos atuais

³ Mais detalhes sobre o crescimento da participação do seguro na economia, ver... http://www.ratingdeseguros.com.br/pdfs/92_Curva_S_em_Seguros_06-01-2012.pdf

valores médios estimados pelo mercado financeiro (Boletim Focus). Isso levaria, por enquanto, a um PIB nominal de 2014 em quase R\$ 5,2 trilhões.

Assim, com todas essas informações, temos a previsão de faturamento do setor de seguros para 2014, que seria em torno de R\$ 170 bilhões. Ou seja, nesse caso, uma variação nominal de 10% de receita do setor de seguros em 2014, com relação aos dados de 2013.

Para o resseguro, estimamos uma variação nominal acima de 15%. Já em capitalização, a taxa de variação está sofrendo ajustes no ano de 2014, quando comparamos aos números de anos anteriores. Nesse ano, a variação está sendo estimada como, no máximo, de 10%.

3.7) Rentabilidade do Setor

Apesar da variação de faturamento mais modesta em 2014, podemos dizer que, na média, a rentabilidade do segmento está mais favorável do que no ano anterior.

Esse é um dos pontos positivos desse exercício.

A tabela 13 mostra essa situação.

Tabela 13 – Valores acumulados – Até outubro – R\$ bilhões

2013	Lucro Líquido	Pat Líquido	LL/PL
Seguradoras	11,6	71,9	16%
Resseguro*	0,0	5,0	1%
Capitalização	1,1	5,2	22%
Total	12,7	82,1	15%
2014	Lucro Líquido	Pat Líquido	LL/PL
Seguradoras	14,1	77,8	18%
Resseguro*	0,4	5,5	7%
Capitalização	1,6	4,1	40%
Total	16,1	87,4	18%

* Até Setembro

Por exemplo, em seguradoras, em dados até outubro, o lucro líquido acumulado está passando de R\$ 12,7 bilhões para R\$ 16,1 bilhões, uma variação de 27%.

3.8) Índice de Confiança do Setor

Por fim, um último aspecto extremamente relevante, abordado na análise de qualquer setor econômico, se refere às expectativas das empresas⁴.

No mercado segurador brasileiro, existem diversos indicadores que medem esse fator. O ICSS (Índice de Confiança do Setor de Seguros), resultado de três variáveis: ICES (Índice de Confiança e Expectativas das Seguradoras), ICER (Índice de Confiança e Expectativas das Resseguradoras) e ICGC (Índice de Confiança das Grandes Corretoras).

Em novembro, o ICES teve uma melhora expressiva – a maior variação percentual registrada em um só mês (9,6%), desde que o indicador foi criado, há mais de dois anos. O valor atingiu 84,3, com o principal ganho ocorrendo nas expectativas quanto ao futuro da economia brasileira. Ressaltamos, porém, que, como o índice ainda está abaixo de 100, o pessimismo nas seguradoras permanece, mas agora em menor intensidade. Podemos creditar às primeiras medidas do governo o resultado dessa evolução.

Nos outros indicadores calculados (ICER, ICGC e ICSS), também houve avanços, seguindo a mesma tendência favorável citada acima.

⁴ Para uma maior discussão teórica do assunto, ver...
<http://www.ratingdeseguros.com.br/pdfs/artigoteoricoICES.pdf>

A seguir, o gráfico do ICES e de seus fatores.

